

**A GEOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA INCLUSIVA:
TRABALHANDO O CONCEITO DE PAISAGEM EM UM ESTUDO DE
CASO COM UMA ESTUDANTE COM SÍNDROME DE DOWN**

Tamires Aparecida Souza Silva ¹

Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP
Campus de Presidente Prudente
E-mail: tamires.0010@hotmail.com

Ana Mayra Samuel da Silva ²

Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP
Campus de Presidente Prudente
E-mail: ana.mayra.amss@gmail.com

Elisa Tomoe Moriya Schlünzen ³

Faculdade de Ciências e Tecnologia-UNESP
Campus de Presidente Prudente
E-mail: elisa@eduapss.unesp.br

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo: analisar o conceito de Paisagem Cultural, por meio de atendimentos educacionais individuais, realizados por intermédio do Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social (CPIDES), localizado na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), e, contribuir com a construção da concepção espaço-temporal de uma Estudante Público-Alvo da Educação Especial com Síndrome de Down. A abordagem metodológica escolhida para a elaboração do trabalho é qualitativa, realizando um estudo de caso único. Para tanto, estão sendo desenvolvidas atividades sensoriais (tato, olfato, paladar, audição e visão) para a análise e compreensão dos elementos que compõem a Paisagem Cultural, visando um maior entendimento sobre a sua realidade social, para proporcionar também a sua independência e autonomia em relação a sua vida cotidiana.

Palavras chave: Geografia cultural; Síndrome de Down; Paisagem cultural e Inclusão.

**GEOGRAPHY IN AN INCLUSIVE PERSPECTIVE: WORKING THE
LANDSCAPE CONCEPT IN A CASE STUDY WITH A STUDENT WITH
DOWN SYNDROME**

Abstract

The objective of this work is to analyze the concept of Cultural Landscape, through individual educational services, realized through the Digital, School and Social Inclusion Promotion Center (CPIDES), located at the Faculty of Science and Technology (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho - UNESP". In addition, contribute to the construction of the space-time conception of a Target Public Student of Special Education with Down's syndrome. The methodological approach chosen for the elaboration of the work is qualitative, carrying out a single case study. Sensory activities (tact, smell, taste, hearing and vision) are being developed for the analysis and understanding of the elements that compose the Cultural Landscape, aiming at a greater understanding of its social reality, to also provide its independence and autonomy in relation to their daily lives.

Key Words: Cultural Geography; Down Syndrome; Cultural Landscape and Inclusion.

Introdução

A Síndrome de Down (SD) é uma alteração genética acometida durante o período de divisão celular, durante a formação do feto. Não há uma causa específica, no entanto, a maioria dos casos de pessoas que apresentam a trissomia 21 é causada pela não disjunção, resultando em um cromossomo extra, conforme analisa Sasaki (2003).

Segundo Moreira, El-Hani e Gusmão (2000), a SD foi reconhecida por John Langdon Down, que a constituiu como uma das causas mais frequentes de Deficiência Intelectual (DI). A *American Association on Intellectual and Developmental Disabilities* (AAIDD) expressa que a DI é caracterizada por limitações no funcionamento intelectual e no comportamento adaptativo, que envolve habilidades conceituais, sociais e práticas (AAIDD, 2016). Sendo assim, a aprendizagem de uma pessoa com SD pode ocorrer através de estratégias educacionais que proporcionem a oportunidade dessas pessoas exercitarem os seus sentidos (olfato, paladar, visão, tato e audição), estimulando e desenvolvendo o cognitivo, a percepção espacial, e a sua autonomia em relação a sua vida diária.

O conceito de Paisagem Cultural, estudado por meio da Geografia Cultural, pode contribuir para a inserção de pessoas com SD na sociedade, no sentido de construir sua concepção espaço-temporal, através das atividades sensoriais que guiam a análise dos elementos que compõem a paisagem. A Geografia é uma ciência que estuda a interação do homem com o mundo, como o indivíduo estabelece suas relações com o meio e as transformações que os sujeitos provocam no espaço, tornando-o o principal agente transformador, possibilitando que se torne ativo, não apenas em processo de ensino e aprendizagem, mas também em suas relações e sua leitura de mundo, conforme defende Freire e Macedo (2011).

A paisagem ao longo do tempo se tornou uns dos conceitos mais relevantes para a Ciência Geográfica, e que por muito tempo e para algumas correntes epistemológicas se apresentou para ser observada, interpretada e compreendida, como uma fotografia, sendo reduzida ao visual de forma estática. Mas por meio da Geografia Cultural e da discussão ao longo do tempo permeado por essa, faz-se possível analisar outras maneiras de apropriação do conceito de Paisagem. Segundo Alan e Holanda (2015, p. 4):

[...] a tendência de se cogitar a paisagem sob o ponto de vista restrito daquilo que se está vendo, sendo, automaticamente, descrita sob a óptica daquilo que a visão alcança, precisa ser superada; as práticas educacionais sobre o conceito de paisagem geográfica devem levar em conta a inter-relação homem e natureza, ou seja, entre os elementos que compõem a paisagem.

A discussão que permeia a geografia cultural sobre o conceito de paisagem cultural pode ser entendida como um “produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais culturais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais” (WAGNER e MIKESELL, 2003). A paisagem dentro dessa perspectiva diferencia-se entre paisagem natural e cultural, a paisagem natural remete aos elementos da natureza, como solo, a vegetação, os rios e etc., a paisagem cultural remete a todas modificações antrópicas, levando em consideração aos aspectos históricos.

Segundo Bertrand (apud Costa e Castal, 2010, p. 5):

A paisagem é o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de “elementos físicos ou abióticos, biológico ou antrópico que reagindo dialeticamente uns sobre os outros fazem da paisagem um conjunto único e indissociável que evolui em bloco.

A geografia cultural reconhece que o conceito de paisagem deve ir além do que é visual, ao abranger a percepção através as memórias, da cultura, meio ambiente, e dos elementos físicos e sociais, que são perceptíveis a todos os sujeitos, e que contribuem para a construção e caracterização da paisagem como um todo. Através dessa perspectiva, considera-se também os sentimentos, as emoções, a cultura e o pensamento dos indivíduos. Para Cosgrove (2003) a tarefa da geografia cultural é apreender e compreender a dimensão da interação humana com a Natureza e seu papel na ordenação do espaço.

O presente trabalho tem por objetivo: analisar o conceito de paisagem cultural, por meio de atendimentos educacionais individuais, realizados por intermédio do Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social (CPIDES), localizado na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), e, contribuir com a construção da concepção espaço-temporal de uma estudante público-alvo da educação especial com Síndrome de Down. Para tanto, estão sendo desenvolvidas atividades sensoriais (tato, olfato, paladar, audição e visão) para a análise e compreensão dos elementos que compõem a paisagem cultural, visando um maior

entendimento sobre a sua realidade social, para proporcionar também a sua independência e autonomia em relação a sua vida cotidiana.

Desenvolvimento

Procedimentos metodológicos

A metodologia adotada para a investigação tem uma abordagem qualitativa, segundo Demo (1987), a abordagem de cunho qualitativo trabalha os dados buscando seu significado, tendo como base a percepção do fenômeno dentro do seu contexto. O uso da descrição qualitativa compreende e interpreta determinados comportamentos, opiniões, emoções e expectativas de um indivíduo ou grupo, sendo a melhor abordagem para representar a realidade social.

Para Gil (1999), o uso dessa abordagem propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, entretanto, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

Portanto, a pesquisa qualitativa, segundo Bogdan & Biklen (2003), envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. A pesquisa qualitativa, destacam-se sobre duas formas de pesquisa do tipo etnográfico e o estudo de caso.

A partir desta abordagem qualitativa, tem sido realizado um estudo de caso único, conforme define Yin (2001), o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo dos fatos objetos de investigação, permitindo um amplo e pormenorizado conhecimento da realidade e dos fenômenos pesquisados. Segundo Yin (2001, p.33):

Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro do seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos.

O estudo de caso único facilita a observação participante e a transcrição da produção de informações coletadas, sendo mais proveitosa a análise do trabalho realizado e

da produção de dados. O desenvolvimento trabalho é feito com base em observação participante que permite uma análise mais detalhada das atividades, as ocasiões, os interesses e etc., de um indivíduo.

Segundo Turra Neto (2012, p.243):

[...] a observação participante continuou sendo bastante empregada, mas agora com maior grau de autorreflexão, problematizando o encontro e, muitas vezes, o confronto, entre um pesquisador/a com suas teorias e a densidade da realidade social, no seu acontecer cotidiano.

Para a formulação do trabalho é realizado uma análise da produção documental da aluna: como ilustrações, escrita, projeções de mapas mentais e outras produções, também são realizadas entrevistas semiestruturadas periódicas com os familiares da estudante com Síndrome de Down, em que se investiga o comportamento da estudante em relação aos familiares, amigos e outros profissionais (psicólogos e educadores).

O levantamento inicial de informações foi essencial para a elaboração do plano de intervenção com a estudante. As intervenções ocorrem no Centro de Promoção para Inclusão Digital, Escolar e Social (CPIDES), o centro desenvolve atendimentos educacionais individuais especializados, destinado para o público alvo da educação espacial utilizando recursos tecnológicos e metodologias ativas de aprendizagem.

A abordagem utilizada para o desenvolvimento dos trabalhos pedagógicos do CPIDES é a Construcionista, Contextualizada e Significativa (CCS), idealizada por Schlünzen (2000), a abordagem construcionista consiste em criar situações-problema que permitam ao estudante resolver questões reais e aprender com o uso e com a experiência dos conceitos envolvidos em suas resoluções.

O ambiente CCS é construcionista porque utiliza de estratégias pedagógicas e tecnologias que possibilitam a construção do conhecimento, a partir de objetos palpáveis (ou manipuláveis), ou seja, de objetos criados pelos próprios estudantes. É contextualizado porque tudo o que é construído emerge do próprio contexto dos estudantes, onde as atividades escolares são realizadas a partir do contexto real da sala de aula. É significativo, uma vez que, os estudantes constroem o conhecimento a partir de um contexto que eles mesmos estão inseridos e, assim, vão atribuindo significado aos conceitos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Schlünzen (2000, p.27)

O CPIDES foi criado em 2010, na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” campus de Presidente Prudente/SP, que é conduzido pelo grupo de pesquisa “Ambientes Potencializadores para Inclusão” (API), esse grupo é composto por

alunos da graduação (de vários cursos) e pós-graduação. Quem realiza os atendimentos são os alunos da graduação, denominados estagiários sob supervisão dos alunos da pós-graduação, os “âncoras”, atualmente o centro tem cerca de 25 estagiários e são atendidas cerca de 40 pessoas com diferentes idades e patologias.

Este trabalho iniciou-se com uma entrevista com responsáveis da estudante com Síndrome de Down (SD) a fim de compreender quais eram os seus desejos educacionais e pessoais, diante disso houve o planejamento dos atendimentos a serem realizados, elaborados para o 1º semestre de 2018 de março a junho priorizando o conceito de paisagem estudado pela ciência geográfica.

Como participante da pesquisa tivemos a estudante com Síndrome de Down denominada neste artigo como A. A estudante, atualmente, tem 30 anos de idade, já frequentou a escola regular com 16 anos (ensino fundamental I) e o EJA até os 20 anos de idade, atualmente a estudante frequenta somente o psicólogo, a associação do Rosário e o CPIDES. A estudante possui o perfil de uma pessoa calma, bem comunicativa, interessada, carinhosa e ao menos tempo se mostra bem insegura para desenvolver algumas atividades, principalmente as que são para serem feitas em casa. A estudante, possui uma vida bem dependente da família e sem autonomia, ela já foi alfabetizada (atualmente é alfabética), mas por conta de alguns problemas familiares não se lembra exatamente como se escrever e nem como se lê.

Os atendimentos ocorrem uma vez por semana com duração de uma hora, a estudante com SD é atendida todas as sextas-feiras no horário das 13:30 até as 14:30, as intervenções foram pensadas através da abordagem CCS, no qual, é construtivista pelo fato de utilizar o computador como ferramenta auxiliar para a construção do conhecimento da estudante, em que foi trabalhado a diferentes paisagens (natural e cultural), é contextualizado por proporcionar a construção e a habilidade de observar, descrever e analisar os elementos que compõem a paisagem, e é significativo por proporcionar experiências sensoriais para o entendimento do conceito de paisagem em que o tempo para a apropriação desse elementos são definidos pela estudante.

Para a realização desse trabalho os responsáveis assinaram um termo de compromisso, autorizando a divulgação de imagens e a produção de materiais desenvolvidos pela estudante. Tais procedimentos foram realizados devido a aprovação do Comitê de Ética sendo o nº CAAE 67756617.0.0000.5402.

O planejamento dos atendimentos educacionais individualizados ocorreram para serem executados no mesmo período que o calendário escolar da FCT Unesp, foram elaboradas atividades para analisar os diferentes elementos que compõem a paisagem através dos sentidos (olfato, tato, audição, visão e paladar). Sendo realizadas em um período de quatro meses (março a junho), as análises foram feitas através dos Trabalhos de Campo (TC) realizados em alguns pontos da FCT UNESP.

Quadro 01. Planejamento dos atendimentos educacionais individuais - 1º semestre de 2018

MARÇO		
DATAS	ATIVIDADE	OBJETIVO
02/03	Estudante A faltou no atendimento.	Observar os diferentes elementos que compõem a Paisagem.
09/03	Trabalho de campo pela faculdade, lugares visitados- biblioteca, cantina e entorno do CPIDES.	Observar os diferentes elementos que compõem a Paisagem.
16/03	Trabalho de campo pelos mesmos lugares, mas trabalhando a percepção da Paisagem, através dos sentidos.	Analisar a Paisagem, através dos sentidos (audição, tato, olfato e visão).
23/03	Representação da Paisagem analisada durante o Trabalho de Campo.	Ilustrar de forma livre os elementos que compõem Paisagem observada.
30/03	Feriado	-----

ABRIL		
DATAS	ATIVIDADE	OBJETIVO
06/04	Atividade de sondagem; Ilustração da paisagem vista pela porta dos fundos do CPIDES. Lição de casa: desenhar todos os elementos presentes na paisagem, vistos pela janela da sala.	Representar fielmente a Paisagem analisada, tanto do CPIDES quanto da sua residência.
13/04	Análise da lição de casa; Recorta e colar elementos que representem a Paisagem vista pela janela da sala multifuncional do CPIDES.	Representar os elementos da Paisagem (não fica restrito ao visual).
20/04	Ida ao museu do CEMAARQ, localizado na FCT Unesp (horário 13:30 às 15:00 hrs).	Aprender sobre a cultura indígena e conhecer o espaço do museu.
27/04	Estudante A faltou no atendimento.	Representar a os elementos que compõem a cultura indígena; Analisar sobre o

		modo de vida dos índios, através de vídeos.
--	--	---

MAIO		
DATAS	ATIVIDADE	OBJETIVO
04/05	Atividade de sondagem; Conversa sobre a visita ao museu; Ilustração dos elementos presentes no museu; Apresentação do cotidiano dos índios, através dos recursos de mídia (vídeos).	Representar a os elementos que compõem a cultura indígena; Analisar sobre o modo de vida dos índios, através de vídeos.
11/05	Análise das diferentes Paisagens culturais e como está representada no espaço, através dos recursos de mídia.	Analisar as diferentes Paisagens culturais.
18/05	Atendimento transferido para o dia 19/05.	-----
19/05	Cinema no CPIDES.	Comprar o ingresso, o refrigerante e a pipoca de forma autônoma.
25/05	Apresentação sobre a Paisagem Natural e Cultural; Análise dos diferentes sons e elementos correspondentes a cada Paisagem, experiência através do TC.	Analisar os diferentes sons e elementos, e relacionar com a Paisagem cultural ou natural.

JUNHO		
DATAS	ATIVIDADES	OBJETIVOS
01/06	Feriado	-----
08/06	Análise da sua rua, através do Google Maps; Elaboração de mapas mentais que ilustrem os elementos da Paisagem representando o trajeto da sua casa até o CPIDES.	Construir um mapa mental.
15/06	Elaboração de um mapa que represente o trajeto da sua casa até os lugares que você mais frequenta ou gosta.	Construir um mapa mental.
22/06	TC pelos os mesmos pontos- biblioteca, cantina e entorno do CPIDES, análise dos diferentes elementos da Paisagem	Observar novamente todos os elementos que compõem a Paisagem.
29/06	Pesquisar receitas de bolo de chocolate; Analisar os ingredientes e a quantidade; Fazer o bolo de chocolate.	Fazer o bolo.
30/06	Festa do Peão, realizada no CPIDES	Participar com autonomia e independência na festa.

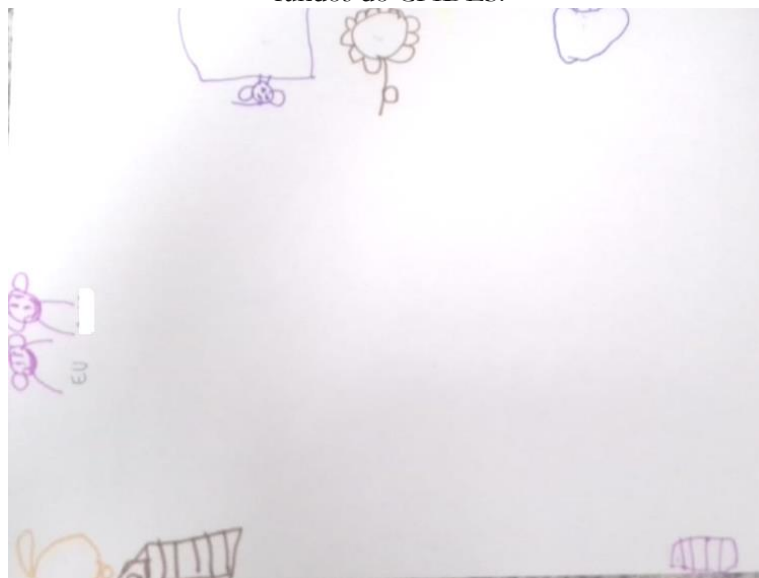
Fonte: Organização dos autores, 2018.

As atividades de sondagem consistem em uma conversa com a estudante “A”, sobre tudo o que ela aprendeu durante o mês anterior, essa conversa é extremamente importante para saber como está sendo a apropriação do conceito de paisagem pela estudante “A”.

No decorrer dos meses foram realizados Trabalhos de Campo (TC), em espaços como a biblioteca da FCT, a cantina do Jopanna’s, o Laboratório Didático da Computação, a Praça da Geografia, o entorno do CPIDES, as áreas verdes do Campus, e por fim o Museu do CEMAARQ. Durante os TC a estudante tinha que observar e analisar todos elementos que compõem as paisagens (natural e cultural), ilustrar esses elementos de forma livre, perceber a paisagem através dos seus sentidos (olfato, audição, visão e tato) e por fim construir mapas mentais que saiam do CPIDES guiassem até o local visitado.

No que se refere a construção de mapas mentais é importante lembrar que não se limitam a representações com base em dados estatísticos, conforme analisa Cosgrove (1999) lembrado, imaginado e contemplado (...) material ou imaterial, real ou desejado, do todo ou da parte (...) vivenciado ou projetado.

Figura 01. Imagem da atividade realizada no dia 06/04: Ilustração da paisagem vista pela porta dos fundos do CPIDES.



Fonte: arquivo disponibilizado pelo CPIDES, 2018.

Obs.: A marcação em branco na folha se deve ao fato da aluna ter escrito seu nome no desenho.

Figura.02: Imagem da atividade realizada no dia 13/04: Recortar e colar elementos que representem a Paisagem vista pela janela da sala multifuncional do CPIDES.



Fonte: arquivo disponibilizado pelo CPIDES, 2018.

Em relação ao penúltimo atendimento do semestre, em que a atividade realizada foi bem diferente de todo o planejamento, essa atividade foi escolhida pela estudante “A”. Em uma conversa de sondagem, em que a mesma disse que queria fazer um bolo para a família - já que todos da família compareceriam à festa de meio de ano -, resolvemos fazer um bolo de chocolate, para também encerrar o 1º semestre.

Resultados e discussões

Enquanto docentes e pesquisadores devemos questionar como a ciência geográfica é ensinada e quão propriamente é ministrada para pessoas com Síndrome de Down e/ou para pessoas com deficiências, já que a discussão sobre a inclusão é recente, sendo definida como um movimento social, político e educacional, que tem por objetivo defender o direito de todos os indivíduos frente a sociedade.

Segundo Freire (2008, p.8):

No contexto educacional, vem, também, defender o direito de todos os alunos desenvolverem e concretizarem as suas potencialidades, bem como de apropriarem as competências que lhes permitam exercer o seu direito de cidadania, através de uma educação de qualidade, que foi talhada tendo em conta as suas necessidades, interesses e características.

A discussão que permeia a inclusão de práticas educativas, os espaços sociais, as salas de aula, a gestão escolar e o preparo dos professores, vem para questionar e para transformar o espaço escolar e torna-lo igualitário e acessível a todos.

De acordo com o Ministério da Educação, Declaração de Salamanca (2005, p.8):

Uma política efetivamente inclusiva deve ocupar-se com a desinstitucionalização da exclusão, seja ela no espaço da escola ou em outras estruturas sociais. Assim, a implementação de políticas inclusivas que pretendam ser efetivas e duradouras devem incidir sobre a rede de relações que se materializam através das instituições já que as práticas discriminatórias que elas produzem extrapolam, em muito, os muros e regulamentos dos territórios organizacionais que as evidenciam.

A partir dessa discussão devemos questionar e compreender a importância de ensinar geografia para uma pessoa com deficiência, no caso do estudo uma pessoa com SD. Conforme analisa Straforini (2008), a Geografia proporciona a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, sendo assim, compreender os conceitos que permeiam essa Ciência é ir além do ambiente escolar perpassando da memorização dos conteúdos para o entendimento real dos seus significados.

Segundo Cabral (2018, p. 2):

Em se abordando alunos com SD, esta possibilidade de “viver o mundo” pode ser desenvolvida a partir de uma associação entre o cotidiano, as vivências e os interesses destes alunos e, os conteúdos a serem desenvolvidos, de maneira o mais concreta possível, através de práticas interativas, dinâmicas e que se aproximem do meio, seja ele da escola, do bairro, da cidade, etc.

Analisando a discussão, a ciência geográfica é de extrema importância para uma pessoa com SD, pelo fato de proporcionar suporte para compreender, analisar, observar e se enxergar como uma pessoa que está presente na paisagem, seja ela qual for. A partir disso, temos que trabalhar conteúdos que estejam diretamente ligados ou se relacionem com a realidade do aluno e que possibilitem que os mesmos consigam construir a sua própria noção de pertencimento na sociedade e que também se tornem indivíduos críticos.

Para a compreensão da paisagem cultural, devemos fazer uma análise histórica das ações culturais, para uma melhor interpretação dos elementos que compõem a paisagem cultural e natural. Conforme analisa Santos (2002), a paisagem é o conjunto de formas que, num dado momento, expressam as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.

Através dessa corrente da Geografia, podemos analisar que o conceito de Paisagem Cultural é amplo e segue em constante discussão, mas sempre permitindo ao observador conseguir fazer uma interpretação através de suas experiências.

Segundo Corrêa (2009, p.4):

A dimensão política da cultura manifesta-se por meio da polivocalidade, isto é, das diversas possibilidades de interpretação da mesma paisagem. [...] o sentido da paisagem cultural pode ser construído e reconstruído pelos diversos grupos sociais a partir de suas experiências. Esta perspectiva contrucionista advém das diferenças de classe, éticas, religiosas e de acordo com outros atributos.

A partir dessa perspectiva sobre a geografia cultural, podemos destacar que essa corrente proporciona instrumentos para análises dos elementos que compõem as paisagens natural e cultural, que advém de acúmulos de vivências de um determinado grupo social. Nessa perspectiva, todas as paisagens contêm significado simbólico, visto que são o produto da apropriação e transformação do meio ambiente pelo homem, no qual foram impressos traços culturais e simbólicos de cada grupo (COSGROVE, 1998).

Partindo disso, entendemos que a geografia cultural pode proporcionar mecanismos para incluir pessoas com deficiências, pois oferece minimamente instrumentos para análise da paisagem, o que tornar-se um apoio para o entendimento da sua realidade social.

Segundo Corrêa (2009, p. 6):

Mas o que é mais importante ressaltar não é o recorte temporal, mas a análise dos significados que são ou foram atribuídos a especialidade humana. Pois, repita-se, a abordagem cultural esta precisamente centrada nos significados que os diversos grupos sociais constroem relativos a especialidade passada, do presente e mesmo do futuro.

Dessa forma, quando atribuímos significados as nossas vivências, construímos também, de formas diferentes em momentos diferentes a nossa noção de pertencimento como uma pessoa presente na sociedade.

Ainda hoje, no século XXI, a maioria de pessoas com Síndrome de Down são sujeitadas a um mundo extremamente limitado e severo, tendo em vista que aqueles que estão próximos, como pais e educadores, criam laços de grande dependência e superproteção, ou mesmo inviabilizam o desenvolvimento por realizarem por elas tarefas cotidianas, colocando essas pessoas – por vezes já em idade adulta - em uma condição infantil. Situações como essa favorecem um ambiente permeado por limitações e inseguranças, onde tais indivíduos não foram estimulados a desenvolver nenhuma atividade que propiciasse sua inserção na sociedade e o seu entendimento em relação ao espaço a que pertence.

Segundo Silva e Dessen (2002, p.170):

Portanto, a criança se desenvolve em um contexto social e humano que lhe dá a possibilidade de interiorizar experiências e construir seu sistema de significados, contribuindo para emergirem novas formas de organização. Nesse sentido, a criança com SD tem a possibilidade de vivenciar novos domínios e de construir-se enquanto pessoa ativa e cidadã dentro de nossa cultura.

Dessa maneira, entendemos que o contato com a geografia cultural é essencial pelo fato de proporcionar experiências que são significativas e que contribuem para a libertação de pessoas com Síndrome de Down, no sentido de as mesmas compreenderem o seu contexto social.

A partir de atendimentos educacionais individualizados foi possível observar uma mudança radical no comportamento da educanda, que inicialmente se mostrou desatenta e desinteressada a tudo que estava ocorrendo a sua volta, e que possuía um comportamento não coerente com a sua idade, comportando-se de uma maneira bem infantil. Ao propor atividades que estimulassem os seus sentidos e a sua percepção e compreensão da paisagem, pudemos perceber resultados significativos em relação a realização das atividades propostas, de tal modo que a estudante inclusive sugere o que quer aprender e por que. A família da estudante relata que ao longo do desenvolvimento das atividades ela tem se mostrado mais independente e autônoma, como os exemplos dela escolher para onde quer ir, ou mesmo sua maior perceptividade em analisar o espaço em que se encontra.

Conclusões

Por meio das atividades de campo desenvolvidas ao longo deste estudo, podemos notar a evolução da estudante com SD, tendo em vista que a mesma aparenta estar mais interessada em participar dos atendimentos educacionais individualizados realizados no CPIDES, seus familiares relatam com frequência sua mudança de postura, uma vez que passou a decidir com independência e autonomia onde ir, como ir e o que fazer.

No entanto, ainda se faz necessário realizar outras atividades que contribuam para o entendimento do conceito de paisagem cultural, já que o presente trabalho descrito é um recorte de um projeto que ainda está em desenvolvimento e que busca realizar e elaborar ações construcionistas significativas e contextualizadas, para ensinar conceitos geográficos para uma estudante com Síndrome de Down.

O desenvolvimento do projeto tem como perspectiva futura trabalhar sua autonomia, pautando-se nas percepções fundamentais proporcionadas pelos conceitos da ciência geográfica, não se limitando apenas a um. Assim, o trabalho segue pensando em estratégias para que pessoas com SD consigam se apropriar dos conceitos de lugar, espaço e paisagem, que ao longo do tempo se tornaram conceitos essenciais na função de tornar um indivíduo crítico e ciente da sua realidade social.

Referências Bibliográficas

AMERICAN ASSOCIATION ON INTELLECTUAL AND DEVELOPMENTAL DISABILITIES- AAIDD. Definition of Intellectual Disability. Washington, D.C: AAIDD, 2016. Disponível em < <https://aaid.org/intellectual-disability/definition#.V18LLvkrKUk> > Acesso em: 02 out. 2018.

ALAN, F. M., HOLANDA K. A. Práticas Educacionais para trabalhar o conceito de paisagem geográfica com alunos do 6º ano do ensino fundamental do Instituto de Cegos do Ceará. In: **XXII Semana de Educação da Universidade Estadual do Ceará, Ceará. 2015.**

BOGDAN, R. S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** 12.ed. Porto: Porto, 2003.

CABRAL, D. Alunos com Síndrome de Down no ciberespaço. **I Colóquio Internacional de Educação Geográfica.** Maceió. 2018.

COSGROVE, D. A Geografia está em toda Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In.: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSGROVE, D; JACKSON, P. Novos rumos da Geografia Cultural. In: **Introdução à Geografia Cultural.** CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (Orgs.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 224 p, 2003.

COSGROVE, D. (org.) – **Mappings.** London, Reaktion Books, 1999.

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia Cultural.** Instituto Histórico Geográfico do Rio Grande do Sul. 2009. Disponível em < <http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuioces/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf> > Acesso em: 22 nov. 2018.

COSTA, L. de C. N.; CASTAL S. de A. Paisagem Cultural: Diálogos entre o Natural e o Cultural. In: **Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul.** Universidade de Caixias do Sul. 2010. Disponível em: < https://www.uces.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_6/arquivos/03/Paisagem%20Cultural.pdf > Acesso em: 22 nov. 2018.

DEMO, P. **Introdução ao ensino da metodologia da ciência.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, S. Um olhar sobre a inclusão. **Revista Educação**, vol. XVI nº 1, p. 5-20, 2008.
Revista Geografia em Atos, Departamento de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente, n. 01 v. 07, p.132-146, Dez. Ano 2018.
ISSN: 1984-1647

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MEC. **Declaração de Salamanca: sobre princípios, políticas na área das necessidades educativas especiais**. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 30/10/2018.

MOREIRA, L. M. A; EL-HANI, C. N.; GUSMÃO, F. A. F. A síndrome de Down e a sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético. **Rev Bras Psiquiatria**, Salvador, v. 2, n. 1, fev. 2000. Disponível em: <<http://goo.gl/IXjLks>> Acesso em: 02 out. 2018.

SCHLÜNZEN, E. T. M. **Mudanças nas práticas pedagógicas do professor**: Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

SANTOS, M. O Espaço Geográfico: um Híbrido. In.: SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SASSAKI, R.K. Inclusão: **Construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 2003.

SILVA, N.L.P; DESSEN, M. A. Síndrome de Down: etiologia, caracterização e impacto na família. Universidade de Brasília. **Interação em Psicologia**, 2002, 6(2), p. 167-176. Disponível em <file:///C:/Users/Tamires/Desktop/3304-6449-1-PB.pdf> Acesso em 22 nov.2018

STRAFORINI, R. **Ensinar Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2 ed. São Paulo: Annablume, 2008.

TURRA NETO, N. Vivendo entre Jovens: a observação participante como metodologia de pesquisa em geografia. **Terr@ Plural** (UEPG. Impresso), v. 6, p. 241-255, 2012.

WAGNER, P. L.; e MIKESEL, M. W. Os Temas da Geografia Cultural. In.: CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. (org). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.